

**Portuguese A: literature – Standard level – Paper 1**  
**Portugais A : littérature – Niveau moyen – Épreuve 1**  
**Portugués A: literatura – Nivel medio – Prueba 1**

Wednesday 10 May 2017 (afternoon)  
Mercredi 10 mai 2017 (après-midi)  
Miércoles 10 de mayo de 2017 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

**Instructions to candidates**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a guided literary analysis on one passage only. In your answer you must address both of the guiding questions provided.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

**Instructions destinées aux candidats**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez une analyse littéraire dirigée d'un seul des passages. Les deux questions d'orientation fournies doivent être traitées dans votre réponse.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

**Instrucciones para los alumnos**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un análisis literario guiado sobre un solo pasaje. Debe abordar las dos preguntas de orientación en su respuesta.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Faça a análise literária dirigida de **um** dos seguintes textos. A sua resposta deve ter obrigatoriamente em conta as duas questões de orientação que acompanham o texto escolhido para análise.

1.

O Morcego sai do pântano pela noite preta, procurando rimas para a sua dor. As aranhas lamentam perdê-lo. Os sapos, as cobras, os lagartos e os outros bichos do mato comemoram, aliviados. Ele está arranhado e sujo de terra. Dele, escorrem suor, babas e lágrimas. Naufragando no vinho, o Morcego percorre a Rua do Acu. Esburacada. Cheia  
5 de estrume. O vento atormenta os lampiões. Os sinos ensurdecem. A neblina em volta do Morcego está virando garoa.<sup>1</sup> A melancolia dentro dele já virou desespero. Os monges cantam em latim dentro do Mosteiro de São Bento.

— *Misere nobis*<sup>2</sup>... *Misere nobis*...

Um dos beneditinos,<sup>3</sup> ao vê-lo passar pela fresta da porta pesada, se benze.

10 O Morcego cruza o mosteiro e vai até um canto do largo escuro de torres sombrias. Um homem embriagado, jogado na calçada cheia de lixo, protesta a chegada de três cadelas magras, enquanto vasculha entre as garrafas vazias qual ainda teria um pouco de vinho. Encontra uma quase pela metade. Comemora.

— ... *eu sou a sombra... a sombra*...<sup>4</sup>

15 O Morcego para. O largo começa a girar... girar... girar. Ele reconhece no lixo, em um pedaço de madeira podre, os restos de uma lira sem as cordas. Um calafrio percorre seu corpo. O estômago se contrai como se tivesse comido pedras. Ele abraça o poste do lampião. A luz é fraca e amarelada. Ele está pálido e quase não tem forças. O mau cheiro do óleo do lampião embrulha ainda mais o seu estômago. As pedras se contraem, tanto as das ruas do  
20 largo quanto as que ele não comeu. O bêbado continua...

— ... *larva do caos telúrico, procedo da escuridão do cósmico segredo... A simbiose das coisas me equilibra... [...] é de mim que decorrem, simultâneas, a saúde das forças subterrâneas e a morbidez dos seres ilusórios*.<sup>5</sup> [...]

25 O Morcego se aproxima do bêbado e rouba-lhe parte do vinho. Enquanto bebe, suja-se ainda mais. Devolve a garrafa vazia e sai, às gargalhadas, por entre as ruas estreitas, sujas e mal calçadas. O bêbado reforça que é a sombra...

— ... *a sombra... a sombra*.<sup>6</sup>

30 Na Rua do Carmo, o Morcego esbarra em dois homens da Guarda Urbana Permanente que fazem a ronda. Talvez pela névoa cada vez mais forte, os soldados confundem com sangue o vinho derramado.

— Isso que nos aparece é gente?

— Pela capa preta sobre o terno, trata-se de um Morcego.

— Um estudante? Perdido por aqui? A essa hora?

— Não deve ter ouvido o toque de recolher.

35 — Esse não ouve mais nada.

Mesmo assim, o guarda arrisca.

— Ei, enfermo?

40 Mas o Morcego já vai longe, cambaleando, tentando equilibrar as botas gastas e as mágoas sobre as pedras da rua, e conferindo se o livro de capa preta ainda está em um dos bolsos de seu paletó amassado. Está. Na Rua da Boa Morte, vagabundos pedem:

— Deixe as botas. [...]

No Cemitério dos Indigentes, ele sente uma vontade louca de ficar. Empurra os portões enferrujados. Estão trancados. Os cadáveres também não o querem.

Toni Brandão, *Muito Romântico: Antônio* (2005)

---

<sup>1</sup> garoa: chuva miudinha

<sup>2</sup> *Misere nobis*: tende misericórdia de nós

<sup>3</sup> beneditino: frade da ordem de São Bento

<sup>4</sup> ... *eu sou a sombra... a sombra...*: excerto do poema “Monólogo de uma sombra” de Augusto dos Anjos, poeta brasileiro do final do século XIX

<sup>5</sup> ... *larva do caos telúrico, procedo da escuridão do cósmico segredo... A simbiose das coisas me equilibra... é de mim que decorrem, simultâneas, a saúde das forças subterrâneas e a morbidez dos seres ilusórios*: excerto do poema “Monólogo de uma sombra” de Augusto dos Anjos, poeta brasileiro do final do século XIX

- (a) Em que medida as personagens e os animais que o Morcego cruza contribuem para acentuar o retrato negativo deste?
- (b) Identifique e comente a expressividade dos recursos utilizados para criar o ambiente sombrio do excerto.

2.

### Manifesto

Abre as janelas para a rua,  
anda a vida lá fora...  
Põe moldura nos sonhos impossíveis,  
pendura-os nos pregos das paredes  
5 — são decorativos!

Deixa que o sol rasgue as vidraças,  
e vem correr a aventura  
de cada instante  
na vida de cada hora:  
10 que a vida só vale  
quando tem  
este sabor de conquista!

Deixa os suspiros profundos  
e parte a guitarra mágica que te deixou D. Juan...  
15 deixa-me esse ar de sombra de trapista!<sup>1</sup>  
Vem para a rua, para o sol, para a chuva!  
Ama sem literatura, como um homem!  
Deixa dormir os papiros  
na meditação das múmias faraónicas.<sup>2</sup>  
20 — A vida é a única lição!

Joaquim Namorado, *Aviso à Navegação* (1941)

---

<sup>1</sup> trapista: religioso de uma congregação religiosa católica derivada da Ordem de Cister

<sup>2</sup> múmias faraónicas: múmias dos tempos dos Faraós

- (a) Identifique os dois espaços que o sujeito lírico opõe no poema e explore o valor de cada espaço tendo em conta a mensagem global do texto.
- (b) Explore os recursos estilísticos com que o sujeito lírico realiza o seu “Manifesto”.